

O RETIRANTE.

ORGAN DAS VÍCTIMAS DA SECCA.

PUBLICAÇÕES FANNUN-
CIOS : GRATIS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA : 10000 MENSAS.

Anno I. □ Fortaleza — Domingo, 22 de Julho de 1857. □ N. 5

O RETIRANTE.

FORTALEZA, 22 de Julho de 1857.

O Retirante ^{prosegue} em sua missão — defendendo o povo com seus direitos irrecusáveis, e censurando o governo que o abandona à miseria, à nudez, à fome e ao desespero.

A calamidade pública já existe.

E' tempo portanto do povo exigir que em seu beneficio se cumpra a promessa constitucional.

A emigração é espantosa, e a continuar a província ficará deserta.

Chegam diariamente caravanas de infelizes que tropicam de fome como se treme de frio.

E o governo não receia a indignação popular?

O desespero muitas vezes é arma de vitória, como a palavra é uma grande máquina de guerra.

A palavra está na imprensa, dizendo — alerta e a desesperação vai chegando às vítimas que descreem do socorro do poder.

O que faz o governo?

Nada.

Tantos homens robustos pedem trabalho e o governo lhe diz — mendigas.

Não vê que a esmola avulta?

Já temos peste, companheira da fome, e a população está aterrada.

E quando isso se dá a assembleia provincial felicita ao Sr. Estelita...

E' que cada deputado quer empregar um parente, e cada um quer uma mamata para um afiliado.

O presidente da província tem razão de envergonhar-se, porque bem conhece o seu merecimento.

Bom seria que palácio estivesse rodeado dos indigentes que percorrem as ruas, na occasião em que S. Exc. fosse felicitado.

Satisfaga ao povo Sr. presidente. Cumpra o seu dever.

Cartas ao Rei.

I.

SENHOR.

«A liberdade da imprensa é a respiração do corpo social.»

Cortejamos-vos!

- O povo cearense sofre e morre à fome e vós, como Baltazar, banquetéis-vos alem-mar!

Não é dado descrever o nosso miserando estado. Não pode haver peior.

Luctuosas são as notícias que chegam-nos do serlão.

Ali, resignadas vítimas tombam aos milhares. E o seu ultimo suspiro é um suspiro de maldição.

São sempre retumbantes e enterneçidos, para nós, homens do povo, os gritos do afflictio.

Elles se fazem ouvir de um à outro extremo. Ligam o finito ao infinito. Despertam e enterneçem a Divindade.

O povo soluça transido de afflictão sobre o cadáver da pátria, como o propheta Jeremias, sobre as ruínas de Jerusalém.

Como o rosto cadáverico, orvalhado de pranto, tremulo de frio e fome, implora, supplica, aquillo que por um sagrado direito lhe assiste. E os infames do poder lhe escarram no rosto, e o não escutam.

Singe-nos uma cadeia horrível e estreita-se ella com rapidez vertiginosa.

A miseria e a fome, esta figura sinistra e que se nos representa mais magra que as sete espigas egypcias tem suspenso sobre nossas cabeças o seu incancavel e aduncio alphange.

Imaginai-vos e vosso vis satrapas o que é morrer à fome...

Se o povo não cumprir o seu dever, que é o mais sagrado dos direitos, isto é, não tratar de reagir contra os óbices que nos apresenta o vosso governo morreremos todos de fome e inermemente, como victimas de epidemia cholérica.

Só Deus dispõe de nossa vida, e... mais ninguém.

Dentro em breve a imposição substituirá a supplica.

Não vos esqueceis de que o povo é soberano.

Nada mais nobre e justo do que uma reacção opportuna.

O vosso governo vilipendia-nos e assassina-nos, como se fossemos criminosos justificados!

Misericórdia! Degradacão!

Não vedes, que elle leva-nos, como cordeirinho, ao matadouro?

Consentis nisto, Senhor? Desbriam-vos! Agita-se o norte!

Esta inacção popular é um suicidio.

Ao povo aconselhamos — reagi!

Já não sois aquelle povo timido dos tempos idos, que em crises identicas se deixava surrar como se fosse um vil escravo !

As estradas estão juncadas de homens, mulheres e creanças, baqueadas, extenuadas e moribundas, que, agonisantes, se debatem com furia epileptica, nas vascas extremas de uma agonia lenta.

Pelos desertos sertões ouve o viageiro uma orchestra horrivel: confundem-se os gemidos das victimas com pio do mocho agoureiro e o grasar satanico dos obesos corvos que se divertem sobre as heroicas victimas prostradas e, como Prometheus, inermes.

Vós, quando, por um mero capricho, fizestes correr rios de ouro e mares do generoso sangue de milhares de nossos irmãos, vos aprazieis de ser Rei d'este desditoso Imperio que abriga em seu seio esses bravos, que valentes como leões desultrajaram a patria.

Hoje, aquelles mesmos bravos que recebiam a balla com o sorriso nos labios, perecem á fome e assim suas mulheres e filhos !

« A ingralidão é uma falta de probidade, uma baixeza, um delicto. »

E vós, Senhor, o que fazéis ?
Escarneceis da miseria publica ?

Cuspis na face da nação ?

Demolis o futuro de nossa patria ?

Não o cremos. Mas o vosso governo desmorilizado, despresivel, esbanjador, corrupto e dez mil vezes infame, despreza-nos !

Exautorae esses thugs esfaimados, se não querreis mais tarde, expor-vos a sofrer o que a imbecilidade e indolencia proporcionaram a Luiz XVI.

Nós, Senhor, juntamos a nossa vez a de todas as imprensas livres e moralisadas, a das inditosas victimas, que succumbem á fome, á sede e ao frio, e amaldiçoamos os vossos representantes !

Elles desprezam-nos e vendem a patria. São uns traidores !

Collocastes no ministerio um africano sem brios, sem entranhas, desrido de sentimentos humanitarios, um delapidador, enfim, um mulato, que na fronte bronzeada traz cunhado o sello da infamia !

Pedimos, já não dizemos a cabeça, o exilio d'esse homem, mas a sua retirada, e isto em nome das tres provincias do norte immersas em affliction !

Nós, isto é, o povo o recommendaremos á posteridade:

« Aquelle que não ama seu irmão é maldito sete vezes, e aquelle que se faz inimigo de seu irmão é maldito setenta vezes sete vezes. »

« Aquelle que despreza seus irmãos o remorso o segue quando marcha, assenta-se perto d'ele quando repousa, e não o deixa mesmo durante o sonno. »

Salvae-nos, Senhor !

Aos avarentos.

Opulentos ouvi-nos !

Viveis sob techos dourados, sobre tapetes matizados de myriadas cores, recostaeis vossas cabeças em selinosos travesseiros, dormis em colchões de primorosos bordados, enfeita vossa salão rica e preciosa mobilia, manjares esquesitos tendes sempre em vossas opiparas mezas, vinhos odorificos e especiaes regalam vossos appetites, viveis immersos nos gozos, só pensaes em posicoes elevadas, grandezas sociaes n'este mundo de egoismo, e rão lembræ-vos que gemem sob o peso da fome e da dôr numerosas familias, sem pão, sem lar, sem amparo, expostas ao frio, ao calor e a tudo quanto é mesquinho e despresivel, n'esta vida de transição.

Corações tigreos, vorazes lobos, porque vos não compadeceis dos desvalidos ?

Egoistas, porque não soccorreis tantas victimas ?

Idolatras, porque rendeis culto ao ouro, á esse ouro, talvez, mareado de infamias ?

Avarentos, porque não estancae tantas lagrymas ?

Grandes potentados, porque permittis que ante vós soffra o pae, a mãe, o filho e a esposa ?

Famintos de gloria, quereis transpor o Hymalaya ?

Hypocritas e pharisëos, porque singis-vos, se á descoberto vê-se-vos um coração pequeno e vil ?

Desempavonae-vos !

Pensaes que, se hoje sois grandes e orgulhosos,—amanhã sereis—pequenos, humildes e de vossa passada posição restar-vos-ha, apenas ligera remeniscencia.

A fortuna, essa dôce brisa que mansamente vos afaga, se tornará um medonho furacão e por terra vereis os castellos que orgulhosamente edificastes !!

Esse placido lago de serenas aguas em que navegaes, se transformará em mar tempestuoso de encapelladas ondas, e vereis a olhos nus certarem-se os horisontes e sossobrar um á um todos os vossos bateis, que foram construidos fóra das raias da caridade.

Esse delicioso nectar que alegremente servveis converter-se-ha em terrivel veneno que vós estragará as entranhas.

Lembræ-vos, ricos e potentados, que sois pô e vos tornareis á pô !

Mais um athleta da liberdade.

Abrindo hoje espaço ao artigo abaixo de um nosso distinto amigo de Baturité, chamamos para elle a attenção dos leitores.

E' mais uma voz que se levanta em prol da causa santa que defendemos.

Ei-lo :

BATURITÉ, 8 DE JULHO DE 1877.

Tomado da profunda commoção, que os grandes acontecimentos trazem ás almas, que d'ellas

são capazes, eu li, com reverencia e admiração, esses—primeiro e segundo numero do *Retirante*, fructo do mais acrisolado civismo, que, em verdade, só pôde derivar de almas puras, retemperadas no crisol das mais difíceis provações.

Athletas da liberdade, phalange de nobres filantropos, eu, humilde e desconhecido d'essa alta sociedade, que detesto, filho do povo, nascido para a liberdade, vos cumprimento e saudo ! !

A dôr, que trucida, a miseria, que apouquenta e avulta; a fome, que enlouquece e mata aos vossos inditosos irmãos—a humanidade—vos commoveo ? !

E' vossa a defesa dos desgraçados, que por solo habitavel tecem a terra, por lecto o céo; por pão a indifferença dos Cesares, a desillusão, a dôr e a morte ? !

E, nesse elevado empenho, exprobaes a crudelidade, fereza e canibalismo d'esses vilões inglorios, que se denominam—Rei e seu nefasto governo, sem temer da colera d'essa nova hydra de Lerna ? !

Lembræs ao povo escarneido, ludibriado, faminto e flagiciado—o dever de reconquistar a liberdade à que tem o mais sagrado direito ? !

Fazei-o conhecer que o segundo Pedro, qual outro Divino Caligula, estima em mór altura as bestas que no velho mundo pucham a sua auribordada berlinda, que à elle ? !

Quanto esta gloriosa tarefa é grande, edificante e sublime ? !

Que importa a marcha do *Retirante* o dissensimento da mediocridade gasta pela estupidez dos vicios ? !

—Rédactores do *Retirante*, vossa missão é sublime, e o vosso nome, do sacroso altar da patria em transito pelas douradas paginas da historia, chegará gloriosamente aos céos ! !

—Avante, avante, eu vos saudo: amigos e defensores do povo, athletas da liberdade, avante, eu vos saudo ! ! . . .

Filho do povo, e d'elle o mais obscuro membro, em seu nome vos louvo e agradeço o relevante serviço que lhe prestas.

Por igual temos á vista o *Cearense* do 1.º do corrente, em cujo numero admiramos as *notas sobre a secca e ao Sr. D. Pedro II* o que diz—um monarchista.—

Tudo nos maravilha, infunde respeito e admiração. Temos a respeito d'aqueles escriptos somente a estabelecer uma comparação para notar a diferença que nos separa dos povos cultos e civicamente livres.

Luiz XVI, homem á quem aliás a historia atribue justiça de intenções e mais attributos louvaveis, foi um dia responsabilisado no juizo da opinião de seu paiz pelos actos do seu governo.

Ele explicou-se, deo satisfação, que parecia aceitável; porém das effervescencia das opiniões, que se chocavão, da tormenta procellosa das idéas oppostas—tyrannia e liberdade, que, nascendo d'alma nacional, chegava ao juizo da opinião, ora semelhando hosannas aos anjos do Senhor, ora tornando-se tetricas e medonhas, que pareciam mais actos do demonio do homecidio em

sua sanguisedenta furia, do que amor á liberdade, de tudo isso, repetimos, elle concluiu, que se não podia mais sustentar; tremeo por sua mulher, por seus filhos, mais do que elle innocentes e até por sua propria cabeça.

Fugio ! Era o que lhe restava !

Preso na ponte de Varennes, elle e sua imperial familia foram reconduzidos ás Tuilerias, onde sofreram os ultimos opprobios.

Entretanto elle era justo e amigo do seu povo ! Mas o genio da revolução, que, como diz um celebre escriptor, salta de todas as partes e por todas as portas, o considerava inimigo e tyranno do povo !

O autor dos escriptos á que nos referimos, fazendo côro com todos os bons patriotas, apresenta o Rei como o inimigo do povo, que elle considera—seu gado (dizemos nós), entretanto, convida-o para, em seu regresso, chegar até á nossa província.

O que ganhariamos com isso ?

Cerlamente um inverno; mas de lagrymas do afflito, que aumenta seus padecimentos comparando sua miseria com o fausto dos grandes, e mais ainda com a provocação aviltante do despreso do sabio viajante ! Que diferença ? !

Como Luiz XVI, o segundo Pedro não é justo; não são os filhos do Brasil, que lhe dizem, não na fuga, mas no passeio:—rendei-vos; não vem reconduzido á S. Christovão para responder por causa alguma; é irresponsavel e sagrado !

Vem, sim—ouvir os hymnos festivaes, que, sobre o cadaver de desgraçados irmãos victimados pela fome, lhe entoam os degenerados filhos do Brasil !

E' justo e assim devia ser; porque o Brasil, não é a França ! ! . . .

O Rei não devia sahir; mas não foi sabindo que elle nos fez mal; fez e fará—é porque volta e volta—irresponsavel e sagrado como sabio ! ! . . .

Defensores dos inditosos do Brasil, vossas palavras escriptas no *Retirante* achaõ echo no fundo de nossa alma !

Publicae esse nosso protesto de adhesão, se vossa modestia o permitir; mandae-nos o vosso jornal e nós vos daremos informações convenientes.

NOTICIARIO.

Casas para retirantes.—O governo tem ultimamente mandado erigir algumas palhoças ou propriamente ranchos, para abrigo de parte da população desvalida que emigra continuadamente para esta capital.

Parece-nos de vantagem e lembramos a idéa de se mandar cobrir provisoriamente de palha a parte do edificio que se está fazendo para mercado publico na Praça do Marquez do Herval. Aceito este alvitre, deve resultar incontestavelmente não pequena economia para os cofres publicos.

A parte construida d'aquelle edificio, cujas

paredes já se acham em estado de receber madeiras, está dividida em compartimentos, tendo cada um a competente saída para os lados do exterior. Assim, não se tendo de fazer despesa alguma com esteios e outros artigos de construção indispensáveis para fechar em roda esses casabres, como se está fazendo presentemente, podem ser aproveitadas ali não menos de vinte casinhas sem comunicação interior e independentes umas das outras, para se abrigarem igual número de famílias arrancadas debaixo de cajueiros e outras árvores, sujeitas as intempéries de uma estação rigorosa que nos trouxe a fome e a peste.

Colocado como se acha aquelle edifício dentro do perímetro da cidade, lugar muito arejado e portanto higiênico, com mais facilidade e promptamente poderão ser socorridos esses infelizes retirantes carecedores do pão da caridade pública.

Ação louvável.—Acaba a distinta directoria da companhia brasileira de navegação á vapor de praticar um acto de verdadeira e elevada benemerencia, que a torna recomendável no paiz.

Poz, gratuitamente, á disposição dos famintos e expatriados retirantes, que aqui aportassem e quizessem seguir para o Pará, em busca de trabalho e pão, 200 passagens, pagando somente o passageiro as despezas de comedoria.

Por conta d'essas passagens já seguiram para aquella procedencia, a bordo do vapor *Pernambuco*, 112 emigrantes.

Nós, em nome da província e dos beneficiados, vos bembizemos.

Encalharam no seco!—Os generos, que por ordem da presidencia da província seguiram d'aqui para o Acaracú com destino á diversos lugares do centro, estão depositados no armazém do Sr. Paulo José Rodrigues, por não achar carro que os queira conduzir pelo preço de 35\$000 a 40\$000 por carrada.

O gorgulho está engordando ao mesmo tempo que o povo do centro está morrendo de fome.

O governo d'esta Turquia americana só tem actividade para cobrar impostos, fabricar deputados e crear repartições e empregos publicos para arranjar os filhotes.

Pedimos ao Sr. Estellita, em nome dos famintos, que dê ordens mais amplas para o Acaracú, afim de não apodrecerem ali os generos destinados á diversas localidades centrais.

Horrores da seca!—Sob esta epígrafe o *Cearense* de domingo passado dá a seguinte noticia, que em data de 2 do corrente lhe foi transmitida de Lavras pelo Sr. Manoel Carlos de Moraes:

« Já se morre de fome n'esta freguezia ! Hontem no sitio Siqueira morreram quatro crianças de fome ! »

« Que é dos socorros para esta infeliz terra ? E' horrorosa nossa situação ! »

—O *Baturité* dá tambem a seguinte noticia : « O seguinte facto foi-nos referido por pessoa fidedigna :

« Acossada pela fome, abandonou a sua casinha uma mulher, conduzindo consigo uma creança de poucos meses de idade.

Dirigia-se á esta cidade com o fim de esmolar a caridade dos fieis, mas sendo distante a sua morada, aconteceu não conseguir atravessar a distancia ardente e abrasadora de nossos sertões. Foi encontrada tres dias depois, por outras pessoas que tambem se retiravam, estendida na estrada com a inocente creança agarrada em seu peito e ella já cadáver ! !

Que quadro contristador e horrivel ! A mãe já cadáver e a inocente filhinha ainda procurava alimentar-se em seu seio ! »

São mais cinco victimas que se extinguiram, assassinadas pelo governo !

No entanto, o Sr. Cotelipe e seus aduladores continuam a dizer—que não se morre de fome !

Deus queira que ella não lhes chegue tambem por casa.

UM POUCO DE TUDO.

A's senhoras cearenses.—Com este título distribuiu-se quinta-feira ultima, n'esta cidade, um avulso, impresso em forma de annuncio de mercadorias baratas, assignado por tres entidades desconhecidas, tres individuos dignos um do outro; são elles—Padre João Augusto da Frota, José Nicolau Affonso Maia e José Joaquim Telles Marrocos !!!

Que trindade ! Que terno de católicos !

Pedem estes religiosos retirantes esmolas para as casas de caridade de Sobral, São' Anna, Crato, Barbalha, Missão-Velha e Milagres, as quaes já são estipendiadas pelos cofres publicos, pelo que não precisam do obulho particular.

Estranhou-nos ver no referido avulso a católica assignatura do católico José Maia, quando sabemos que a casa Maia & Irmãos, de que sua reverendíssima é socio, negou-se a dar um metro de pano á uma comissão, que andava agenciando fazendas para cobrir a nudez dos retirantes.

Não achamos má a idéa; mas supomos que ella não vingará, visto não merecerem confiança os nomes dos dous ultimos católicos.

Entretanto seria mais conveniente que a religiosa comissão recorresse ao caridoso diocesano: estes negócios de orphãos só com elle e o cardeal Albanelli.

O meio de que lançaram mão é pessimo. As senhoras cearenses estão calejadas, e ainda não se esqueceram do celebre bazar expositor que um mitrado pretendeu fazer em favor de um jornal católico, hoje falecido, e cujos donativos adquiridos ainda não se sabe qual o fim que tiveram.

Outro officio, meus santarriões: o tempo das esmolas para S. Pedro já se foi; morreu no começo da seca.